

MUITO ALÉM DA MEDICINA

CATÁSTROFES REVELAM AS MELHORES E AS PIORES FACETAS DAS PESSOAS. SAIREMOS DESTA EXPERIÊNCIA MAIS FORTES

Rogério Sarmento-Leite (*)

Nas últimas semanas, temos enfrentado uma catástrofe climática em nosso Estado, que se assemelha a um cenário de guerra. Esta enchente sem precedentes causou destruição, mortes, muitos feridos, traumas psicológicos, deixou muitos desabrigados e colapsou a infraestrutura e os serviços essenciais. Estamos lidando com a escassez de água e comida, problemas sanitários, perdas econômicas imensas, aumento da violência, insegurança e um sofrimento generalizado.

No entanto, em meio a tanto caos, algo extraordinário tem surgido. De todos os cantos do mundo e do Brasil, independentemente de gênero, cor, credo, crença ou raça, estamos recebendo uma onda de afeto, carinho, acolhimento, generosidade, empatia e solidariedade.

Assistimos, ouvimos, lemos e vivenciamos histórias que nos chocaram, atormentaram, mas também nos emocionaram profundamente. Uma corrente do bem tem nos envolvido, trazendo energia positiva e renovando nossas esperanças. Raramente vemos movimentos tão espontâneos, verdadeiros e genuínos, cujo único objetivo é ajudar. Prova disso é o novo jargão popular: "É o povo salvando o povo". Seja por

helicópteros, jipes, jet skis, doações ou um simples, mas acolhedor abraço.

Eventos catastróficos revelam as melhores e as piores facetas dos seres humanos, uma lição que a história nos ensina. Na área da saúde, não é diferente. Foi necessário passar por duas grandes guerras mundiais para que fossem estabelecidos, na Declaração de Genebra, os princípios éticos e humanitários universais, nos quais a classe médica "jura solenemente consagrar suas vidas ao serviço da humanidade".

Esse juramento foi colocado à prova nesta tragédia e tem sido honrado de forma legítima e verdadeira. Isso se estende a incontáveis profissionais e organizações de saúde, bem como a cidadãos comuns que se voluntariaram, entregaram seu tempo e arriscaram suas vidas para socorrer e salvar outras.

Médicos, alguns igualmente desabrigados, também atuaram como "resgatistas", cozinheiros, empacotadores, entre outras nobres funções. E na ausência de profissionais da saúde, não faltaram socorristas ou anjos da guarda, e vimos todos se tomarem agentes em prol da vida, motivados pela solidariedade e pela paixão em ajudar quem mais precisava. Tivemos muitos heróis com nome e sobrenome, mas inúmeros

anônimos.

Os profissionais de saúde desempenham papéis cruciais não apenas no cuidado direto aos pacientes, mas também em funções que transcendem suas habilidades clínicas. Em momentos de guerra, catástrofes naturais, epidemias, têm sido essenciais no socorro às vítimas, na coordenação de equipes de resgate, na prestação de cuidados de emergência, na organização de operações de evacuação e na assistência humanitária. Muitas vezes, são os primeiros a chegar e os últimos a sair, trabalhando contra adversidades para fornecer cuidados às populações afetadas. Enfrentam desafios como escassez de recursos e infraestrutura inadequada, mas permanecem comprometidos com o princípio de que a saúde é um direito humano básico a ser protegido a todo custo. São agentes de mudança, defensores de direitos, educadores e inovadores. Sua contribuição é fundamental para aliviar o sofrimento, promover a recuperação e construir um futuro mais sólido e justo para as comunidades afetadas, demonstrando um profundo compromisso com a humanidade e a dignidade de todas as pessoas.

Estamos apenas no início de uma "ultramaratona" de resistência. Passamos

e ainda passaremos por várias fases: ameaças, medos, incredulidade, desespero, raiva, gratidão, esperança e reconstrução. Seguiremos precisando de todos! Equilíbrio, resiliência, abnegação e atenção à saúde mental de nossa população serão imprescindíveis para chegarmos à linha final. Por parte do governo e dos entes públicos, exigiremos muitos investimentos, transparência e honestidade. E cobraremos para que os erros e falhas que contribuíram para esta tragédia sirvam de aprendizado para que nunca mais se repitam.

Com união, força, garra, inteligência e organização, mas sem politização ou partidização, vamos trabalhar para que o RS possa se reerguer, seja reconstruído e volte a sorrir.

Nos solidarizamos e agradecemos de coração a todos os órgãos de classe, instituições, colegas, demais profissionais e cidadãos de bem que, juntos, têm se dedicado a cuidar das pessoas nesta difícil travessia.

Com certeza, sairemos desta experiência vitoriosos e ainda mais fortes.

(*) Membro titular da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina, professor adjunto da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSA) e presidente da Sociedade Brasileira de Hemodinâmica e Cardiologia Intervencionista

PARCERIA COM A ACADEMIA

Este artigo faz parte da parceria firmada entre ZH, GZH e a Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina (ASRM). A estreia foi em março de 2022, com a reportagem "Câncer: do diagnóstico ao tratamento", e está na sua terceira temporada. Uma vez por mês, o caderno Vida vai publicar conteúdos produzidos (ou feitos em colaboração) por médicos integrantes da entidade, que completou 30 anos em 2020, conta com cerca de 90 membros de diversas especialidades (oncologia, psiquiatria, oftalmologia, endocrinologia, otorrinolaringologia etc) e atualmente é presidida pela endocrinologista Miriam da Costa Oliveira, professora e ex-reitora da UFCSA.



ATENDIMENTO
NO HOSPITAL DE
CAMPANHA MONTADO
NO CAMPUS DA
ULBRA, EM CANOAS

MATEUS BRUXEL